

Pensando em Torno do Sofista de Platão

Nahman Armony

Platão tem sido interpretado das mais diversas e aparentemente excludentes maneiras. Mais comumente é visto como um filósofo anti-devir, colocando-se predominantemente no lugar da imobilidade. Mais recentemente ele tem sido reinterpretado como um filósofo sensível ao devir. É sobre esta questão que versará este trabalho.

Platão não é o único filósofo que recebe diversas interpretações. Na verdade isto acontece com praticamente todos os grandes pensadores, tais como Nietzsche, Marx, Freud. De repente reconheço que esta minha perplexidade é ingênua pois o mundo cultural já se debruçou sobre esta questão indicando direções de pensamento. Pois bem, apesar deste desenvolvimento que conheço, continuo a me sentir perplexo e desejoso de arejar meus pensamentos, espriar minhas idéias, apaziguar esta minha perplexidade. Como uma tarefa pessoal nada há a objetar. Mas merecerá ela ser tornada pública? Terá ela suficiente importância para isto? Não sei como responder. Mas, vindo da penumbra do meu pré-consciente aparece a idéia de que jamais se saberá de antemão o quanto uma especulação poderá ser útil.

Tão importante sobre o que se fala (e se temos uma visão holística tudo é importante pois todas as partes remetem ao todo e às suas partes) é também quem fala. O falante não pode falar apenas para si. Não pode em primeiro lugar porque é impossível; no si-mesmo está sempre presente o outro-de-si. Mas vale a pena sair do côncavo protegido de si-mesmo e expor o pensamento à comunidade? Quem é este si-mesmo e qual é esta comunidade? Wittgenstein pôs nas mãos de Bertrand Russel sua sorte de filósofo ao lhe entregar os originais do Tractatus. De uma certa maneira, em ponto menor - e bota menor nisto - estamos constantemente realizando este mesmo movimento, expondo o si-mesmo como parte de um todo mas com receio de não pertença ao todo, de não-ser. E, se aquilo que se tem é o que se é, então estaríamos diante da

desmanteladora situação de um si-mesmo que é não-ser. Mas se o todo é abrangente então qualquer si-mesmo (incluindo o outro-de-si), por mais ínfimo e insignificante que seja, é parte do Todo. E então é preciso que ele se exponha, mesmo que sua face envergonhada se esconda na outra margem do olhar. É preciso que o si-mesmo e o outro-de-si se apresentem ao público, divulguem, socializem o seu pensamento; não no sentido de uma simples divulgação, mas no sentido/esperança de promoverem uma transformação que decorrerá de um diálogo onde as várias unidades complexas, ao trocarem ordenadamente experiências enraizadas no real com os meios que a realidade coloca ao seu dispor, ganharão um movimento dinâmico que resultará em novas realizações.

Só se aprende a pensar pensando; caminhando, tropeçando, caindo, reerguendo-se para novamente tropeçar e cair até que mais ou menos cambaleando e sempre sujeito a novos tropeços e tombos, julga-se perceber um rumo, delinea-se um procedimento instavelmente organizador, clareia-se um caminho; aparecem encruzilhadas e esquinas, o visível e o invisível, a vida, a morte, o real, o imaginário, o fantasmático, o símbolo, a plenitude, o vazio, o nada, o ser.

Se pensamos em um universo em permanente mutação estaremos sempre diante do novo, do inesperado, do insólito, estaremos sempre inquietos e interrogativos, e portanto estaremos permanentemente refazendo nosso pensamento. Mas, não há dúvida de que nos momentos de crise, de desarvoramento, de desespero, este processo de reconstrução se amplia e intensifica quebrando a casca de pensamentos cristalizados e desligados das fontes da vida, assentados numa inércia gorda e estereotipada; é nas ocasiões de convulsão pessoal, social, planetária que se torna ainda mais necessário retomar o contacto com a terra, com aquilo que está por trás das teorias e convenções, para reativar um movimento de apossamento-compreensão da proveniência, da genealogia, dos fundamentos motivacionais, dinâmicos dos acontecimentos, com a esperança de que esta compreensão-apossamento recolha a dispersão pulverizadora, desagregadora, reunindo as situações, pensamentos, acontecimentos em um *logos*.

Quem registra este momento de crise é uma pessoa, sou eu como participante da sociedade e do cosmos. E neste momento a crise se manifesta numa pergunta que, de tão rococó,

tão chocha, tão indecentemente tola, nem deveria ser feita; ela só o será porque, de alguma maneira, o não-ser é, porque o bater de asas de uma borboleta nos Estados Unidos poderá alterar o clima no Japão, porque "mesmo coisas que possam parecer ridículas, como, por exemplo, o cabelo, o barro, a sujeira ou qualquer outra coisa indigna e sem valor"(Parmênides-130) há que levar em consideração. Recoloco então minha questão: como é possível tantas diferentes interpretações de uma única obra? Uma pergunta boba e ingênua. Boba por ser um bibelô diante dos graves problemas que nos afligem (estou propositadamente desconsiderando a solidariedade que une as partes de um todo entre si e ao todo). E ingênua porque parte de um pressuposto filosófico inconsciente: existe uma realidade inteligível, onde cada uma das formas, das idéias é estável, imutável, eterna, modelar, idêntica a si mesma, uma realidade "que jamais admite em si nenhum elemento vindo de outra parte, que jamais se transforma em outra coisa"(Timeo- 51/ 52)

Meus antigos professores me dizem que este pressuposto filosófico é platônico e que sua idealidade é contra a vida; meus professores atuais resgatam um Platão ligado à vida, cuja realidade inteligível não está confinada e imobilizada em um céu de essências onde deuses e almas passeiam de carruagem contemplando idéias perfeitas; a idealidade platônica desce à terra, à vida cotidiana, encontrando-se-a no comportamento, no próprio ato de percepção.

Mas, por Zeus, por que esta diferença? Prof. Emmanuel Carneiro Leão em sua aula de 23/6/93 diz:"A leitura de Platão depende do que cada época descobre de limitação para ela(...)A leitura é da época.A vitalidade da leitura está limitada pelas experiências da própria época; mas estas limitações existem porque o elán da interpretação dispõe de um impulso de ultrapassagem daquelas limitações; a época ultrapassa-se a si mesma na medida em que ela aceita seus limites; fazer a experiência do limite é fazer a experiência da ultrapassagem"(Registro gravado). E meus antigos professores? O que diriam? (Esclareço que antigos e atuais têm, neste momento, uma notação exclusivamente cronológica pois ambas as forças continuam atuantes, impulsionando meu pensamento). Eu gostaria de reunir meus mestres atuais e antigos para um diálogo ao vivo. Sendo esta um empresa impossível, substituo-a, com pesar, por um outro diálogo a se realizar entre o meu modo de ser com os outros de mim-mesmo(Platão, sétima carta).

Platão me ajuda a dialogar pois está em contacto com a fonte constituidora dos vários níveis de fenômenos, com a realidade e as realizações de seu tempo. Ele próprio é um acontecimento múltiplo realizando-se no diálogo que travam entre si, o filósofo, o sofista, o político, o profeta, embora sob a hegemonia do filósofo. Penso (e aqui estou aprendendo a aprender a pensar) que pensadores como Platão endereçam seu pensamento às forças explosivas geradoras de acontecimentos; misteriosamente, estes homens atraem para si as questões de seu tempo, vivendo-as intensamente, penetrando-as nos seus fundamentos, indo à sua genealogia, passando por cima das aparências, das convenções, do estabelecido e atingindo a região vulcânica onde toda a miscelânea, todas as forças em jogo, todos os experimentos da época estão em transformação e formação. Esta é uma região confusa, contraditória, paradoxal, que desperta no homem o desejo de minimamente organizá-la. Mas será uma organização que não negará a contradição, o paradoxo, uma organização tão ampla, tão porosa, tão arco-iris (bela, imponderável, inalcançável) que nela possa livremente circular a experiência fervilhante e mutável de vida percorrendo o arco aberto do tempo. Vida que não se conforma a um modelo, vida em permanente mutação sempre colocando questões e problemas. Se estes homens pudessem ignorar estas forças de mutação, esta complexidade formadora de acontecimentos e vida tentando criar um sistema de uma coerência tão absoluta, tão fechada, tão precisa que nenhuma dubiedade, nenhuma dúvida, nenhuma possibilidade de interpretação aparecesse, dariam origem a um nati-morto, a um sistema infecundo, inoperante, paralisador, por um corpo teórico possuído por um *rigor mortis* (quantas vezes o rigor sobranceiramente apregoados por tantos não é senão este *rigor mortis!*). É por se introduzir nos meandros labirínticos da vida e do pensamento, por estar sempre aprendendo-pensando-aprendendo, por explorar várias dimensões e direções, por ser contraditório e paradoxal, por manter aberto um espaço onde passos em 360° podem ser dados que Platão coloca-se entre os grandes pensadores da humanidade. Mas mesmo entre estes Platão alteia-se como um sólido monólito, um farol giratório iluminando paisagens longínquas e próximas, multiformes e diversas, familiares e estranhas. Poucos outros homens gozaram do privilégio de se tornarem marcos magnetizantes em torno dos quais outros

constróem experiências e pensamentos. Isto teria a ver não somente com o estofo destes homens como com o momento histórico em que viveram e produziram sua obra.

Não pude deixar de expressar minha admiração por Platão. ("Teeteto - Por los dioses, Sócrates, que mi admiración aumenta sobremanera al plantearme estas cosas: y sube hasta tal punto que a veces aliento vertigo solo con mirarlas. Sócrates - Ah, querido Teeteto!(...) Muy propio del filósofo es el estado de tu alma: la admiración. Porque la filosofía no conoce otro origen que este..."(Teeteto, 155 em Platão, Obras Completas, Edição Aguilar). Mostrar-me-ei, porém, indigno de sua diversidade nas próximas sentenças: cometerei o pecado de simplificá-lo. Eu não diria que se trata apenas de um recurso didático; acredito que meu hábito ocidental de pensamento me puxa para uma redução do logos à lógica, produzindo um estreitamento teórico, fazendo do cálculo sentencial o núcleo do meu discurso. Estou imerso em uma civilização que ainda retira sua segurança do cálculo e do controle. Direi então (constrangidamente) que são possíveis (entre outras) duas interpretações de Platão: dicotômica e holística. As citações que se seguem, mesmo porque fora de contexto, não pretendem demonstrar esta duplicidade, mas apenas ilustrá-la. No "Timeo", entre 26-e e 28-c há uma passagem que facilita uma interpretação dicotômica:"Ahora bien: según yo veo las cosas, se pueden en primer lugar establecer las siguientes divisiones. Cuál es el ser eterno que no nace jamás y cuál es aquel que nace siempre y no existe nunca? El primero es aprehendido por la inteligencia y el raciocineo, pues es constantemente idéntico a sí mismo. El segundo es objeto de la opinión unida a la sensación irracional, ya que nace y muere, pero no existe jamás realmente".(Platão - Obras Completas - Edição Aguilar) E mais adiante em 28: "Ahora bien: si esto es así, resulta también absolutamente necesario que este mundo sea la imagen de otro mundo"(idem). Já no Sofista vemos esta dicotomia quebrada por uma terceira posição (que permite misturar inteligível e sensível) quando Platão nos fala que o "ser se enlaça com o não-ser da maneira mais ilógica" e que, sob alguns aspectos "o não-ser é, e que o ser, por sua vez, de alguma maneira não-é".

Estas duas interpretações me remetem à interrogação inicial de uma maneira mais discriminada. Por que ora a interpretação de Platão tem um sabor dicotômico, ora holístico?

Neste ponto eu gostaria de me perguntar se, em estando o sujeito interpretante inserido na sua época, preso a uma complexa teia de eventos, ações, pensamentos, influências, materialidades, não faria uma interpretação emanada do próprio contexto em que se encontra; se atravessado pelo real e pela realidade em que está, que possui e pelos quais é possuído, sua realização filosófica não teria um direcionamento, um carimbo da época; se sendo ao mesmo tempo testemunha, organizador, e pioneiro, não ordenaria a dinâmica dos fenômenos, dos acontecimentos, apontando para seus desenvolvimentos, para seus limites; e finalmente se não os ultrapassaria como profeta e se, como filósofo, não se manteria dentro e na vizinhança dos limites.

Mas o que é uma época? "Uma época só é época porque quebrou a tradição". Mas para romper a tradição é preciso que ela exista para quem a está rompendo e para quem se debruça sobre e se envolve com a história das tradições e seus rompimentos. Isto significa que "aquilo que nós estabelecemos como passado ou tradição(...)é também a diferença da nova época que se afirma, faz com que se veja na tradição o que hoje não se via"(registro da aula n^o7).

Platão recebe diferentes interpretações em diferentes épocas. Interpretações amalgamadas ao próprio modo de ser da época. É preciso, porém considerar que existem forças trabalhando permanentemente na superfície e nas entranhas de cada época; forças conflitivas que mantêm uma tensão de transformação. Por isto mesmo encontraremos em uma mesma época interpretações diferentes. Uma complexa conjuntura, na qual consigo distinguir aquilo que é meu interesse, minhas linhas de pensamento e aquilo que é o contexto acadêmico cultural ao meu alcance. Encontro então dois modos de interpretar Platão: dicotômico e holístico. Estas duas formas de ver Platão podem ser encontradas em filósofos diferentes de uma mesma época, mas também no desenvolvimento do pensamento de um único autor. Assim podemos observar uma sutil transformação, uma mudança de ênfase, que teria a ver não só com um movimento interno de aprofundamento e discriminação, mas com toda uma modificação do entorno cultural e ideológico - modificação esta que está possivelmente preparando uma nova quebra de tradição.

Referindo-se aos assim chamados pensadores pré-socráticos Carneiro Leão ("Aprendendo a pensar"- 1977) fala do vigor do pensamento originário. E continua: "Na hermenêutica, a interpretação procura, retornando-lhe a proveniência, recuperar o vigor originário do pensamento. Originário, porque foi a redução deste vigor que deu origem à filosofia de Sócrates, Platão e Aristóteles, de quem a ciência é uma transformação histórica". (pags. 88/9). O pensamento "aceita sua decadência na filosofia e na ciência como uma outra infância, como um novo principiar da identidade do mistério"(pag.89). Neste momento temos um pensamento originário mais próximo do vigor, da manhã inaugural e uma filosofia tendendo à substantivação, à lógica, ao dever ser. Mas a idéia de mistério da ciência indica a gestação de uma nova ênfase. Em 1991, no vol.II do "Aprendendo a pensar" a interpretação da filosofia socrático/platônica parece percorrer o espaço que separa a lógica do logos; neste percurso ela se apossa do pensamento originário em sua hermenêutica de Sócrates e Platão. Escolhendo no texto um ponto de partida onde a filosofia de Platão seria vista mais sob a ótica da lógica leio: "Platão cessa o viço originário da mitologia e o mágico perde a taumaturgia da palavra{...} O império da lógica vai se alongando e começa a cobrir todos os espaços. Para ter algum valor real nada pode deixar de ser lógico(...) Perde-se a predominância dinâmica da realização"(pag.146). Mais adiante é o logos quem predomina na interpretação de Sócrates/Platão; é a filosofia se apossando do pensamento originário, sendo por ele penetrada afirmando-se como pensamento nascente, vigoroso, matutino: "Sócrates pergunta pelo ser-bom do bem, pelo ser-justo da justiça, etc. O que ele procura são os poderes originários de constituição e não os resultados singulares de realizações já constituídas. Trata-se pois de poderes muito mais arcaicos, muito mais elementares do que as chamadas `coisas concretas' e `seres reais'. Para chamá-los de abstrações, conceitos ou generalidades, temos de mudar não só nosso modo de pensar, como também a linguagem de nossas línguas modernas. Pois devemos então entender por abstração, conceito e generalidade potências de ser, poderes vigentes de realização. Platão responde à pergunta de Sócrates, dizendo: o poder de ser e o vigor de concretude da realidade se cumpre e realiza nas estruturas de configuração a que os indivíduos devem a sua originalidade, as coisas a sua individualidade, os

entes a sua entidade. É o que Platão chama de *eidos* e *idea*"(pag.151). Enfatiza-se aqui um viço da filosofia de Platão que, na anterior hermenêutica se eclipsava. Mas trata-se de um viço que salienta o sol, o bem platônico, a luz, um viço que não ressalta a importância da escuridão pois, diz-nos o autor, pode-se entender a filosofia de Platão "como um esforço para identificar realidade com luminosidade, realização com iluminação e real com luz..."(pag.152). Uma leitura cuidadosa de ambas as obras nos revela que os outros aspectos estão também presentes. Seria o destaque, a ênfase atribuída a estes aspectos que nos remeteria a uma conjuntura.

Uma pesquisa direcionada, dirigida, interessada, catatímica, nas aulas de 1993 permitiu-me selecionar fragmentos que assinalam um Platão holístico. Não pretendo perguntar de quem é o assinalamento, se do aluno ou do professor. Preferiria dizer que trata-se do resultado de uma interação produtiva, considerando-se que para cada um existe o si-mesmo e o outro de si-mesmo, o familiar e o estranho, tanto em si quanto no outro.

Registro gravado da aula 5: "...Platão não diz simplesmente separar, mas diz que esta separação se dá dentro de uma pluralidade. Não há coisas isoladas. Toda e qualquer coisa é imersa dentro de um tecido, dentro de uma textura de relações. Por isso, a discriminação implica a aceitação de uma pluralidade a ser discriminada, isto é, todos os integrantes da pluralidade fazem parte do processo de discriminação". Registro gravado da aula 6: "Portanto, Sócrates está dizendo que todo homem, todo indivíduo, inclui em seu próprio desempenho de viver todos os modos, tanto ordinários quanto extraordinários. Pois todos são e não são político, filósofo, sofista, profeta, louco, são os modos que ele enunciou até aqui. É esta ambivalência, essa diferença e essa identidade que sustenta a estranheza de todos os homens, de todos nós. Esses outros são todos nós; é o outro de nós mesmos. Nessa passagem, da estranheza dos outros, esses outros é o outro de todo mundo, é o outro de cada um. Não existe um indivíduo que é o outro, que cumpre o estágio de ainda não ter amadurecido ou desenvolvido o nível do qual a gente está falando, isto é, o divino...". Registro gravado da aula 5: "O que ele (Platão) diz é no sentido de que Deus não é uma coisa separada de qualquer coisa. Nada, nenhum real é de tal maneira

limitado, sensível, dependente, finito, contingente que não tenha nada de divino. Esta é a visão de Platão".

Creio que a pequena estória/história que inventei/recolhi para finalizar este trabalho explicará minha insistência em escolher de toda a riqueza interpretativa de Platão a dicotomia e o holismo.

Tendo Platão encontrado um cenário onde os sofistas predominavam com suas idéias de absoluta relativização, situação esta que estaria levando Atenas a um caos e que de alguma maneira estaria relacionada com a morte de Sócrates - seu querido mestre, Platão sentiu a necessidade de estabelecer princípios firmes, sólidos fundamentos fora do âmbito dos sentidos, das sensações e das paixões do homem, pelos quais o cidadão da *polis* se guiaria. Modelos. Inventou o mundo das idéias, das essências idênticas a si mesmas; mas com a honestidade dos realmente grandes filósofos não pode deixar de questionar o não-ser deste ser absoluto, pois, diferentemente dos sofistas cujo objetivo era persuadir e ensinar a persuadir, Platão buscava, para si e para os outros, a verdade. Teria de haver uma maneira de se chegar a esta verdade. Um método. Neste método valorizou-se a racionalidade, tornando-se a Razão o supremo tutor da civilização ocidental. A racionalidade exige discriminações, divisões. Os caminhos trilhados pelo ocidente fizeram com que, a partir destas divisões e por sua redução a uma divisão isolada do contexto geral, se perdesse a visão e o sentimento de totalidade, tornando-se a dicotomia radical a principal forma de relação entre as coisas. Esta dicotomia separava de tal maneira as coisas que tornava-se impossível a verdadeira identificação, a verdadeira participação, o verdadeiro contacto, a verdadeira intimidade, perdendo-se desta forma o respeito, a consideração, o equilíbrio ecológico. E isto em todos os planos: psicológico, social, planetário, corporal. Por muitos séculos predominou esta dicotomia; seu exercício impiedoso trouxe um incrível progresso científico, tecnológico e ideológico para a humanidade. Mas isto não se fez sem perdas. Apenas as perdas eram como que compensadas pela força de impulsão advinda desta dicotomia absoluta. Assim foi no cristianismo, no feudalismo e na sociedade industrial. Paulatinamente os subprodutos deletérios deste progresso foram se acumulando, tornando-se uma ameaça para o

planeta, para o homem e para a humanidade. De meados do século 19 até a década de 70 do século XX veio à tona uma reação contra a civilização industrial e o pensamento dicotômico. Nietzsche foi um filósofo que apontou Platão não só como o inaugurador do paradigma Ocidente, como considerou necessária uma "reversão do platonismo" para que se pudesse, superando o nihilismo de nossa civilização, chegar a um novo homem. Um certo desenvolvimento levou-nos de Nietzsche, da sociedade industrial e da modernidade para a pós-modernidade, para a sociedade pós-industrial e para aquilo que Baudrillard chamou de "estádio fractal de valor", uma absoluta perda de referências a nos levar para o caos. Platão que tinha sido escolhido como adversário na luta pela recuperação da vida, da espontaneidade, dos instintos, da felicidade, do pleno desenvolvimento do homem, do vigor, é agora chamado para justamente realizar uma aliança com as forças preservadoras do vigor, da vida. A ecologia introduziu o parâmetro holístico que tanto combate o modelo que tudo dicotomiza quanto a desagregação conseqüente à perda absoluta de referências. A teoria das idéias platônica, interpretada como singularidade universal, entrelaça-se bem a esse novo paradigma que vem surgindo em nosso planeta.

A filosofia de Sócrates-Platão-Aristóteles produziu uma lógica e uma divisão cujos desenvolvimentos permitiram o surgimento da ciência e tecnologia modernas; a lógica isolada do logos e a dicotomia isolada do todo ameaçam a humanidade e seu hábitat. Platão foi interpretado como o homem da dicotomia, da racionalidade pura numa época em que a humanidade delas necessitavam. Hoje a humanidade precisa de um outro Platão: de um Platão que fala de uma integração inteligível/sensível. Este recorrer a Platão é uma homenagem necessária ao inaugurador da cultura ocidental; necessária porque nele se encarna a figura do primeiro, do pioneiro, do patriarca, do fundador de nossa cultura. Platão é o totem que deve ser respeitado e comido; só que comido de modos diferentes em épocas diversas. Do imenso corpo/espírito de Platão pode-se recolher, segundo as vicissitudes de cada época, e dos momentos sucessivos e simultâneos de cada época aquela fatia que faz parte da complexa dinâmica do momento em que e que se está vivendo.

Rio, agosto de 1993.

B I B L I O G R A F I A

Baudrillard, J. (1990)- "A transparência do mal". Papirus Editora, Campinas, São Paulo.

Carneiro Leão,E. (1977)- "Aprendendo a pensar". Editora Vozes, Petrópolis.

Ibid(1991)- "Aprendendo a pensar - vol.II". Ibid

Ibid- Aulas gravadas do curso "Sofista, filósofo e político no diálogo Sofista de Platão"
no primeiro semestre de 1993 na ECO da UFRJ.

Châtelet,F.- "Platão". Rés Editora, Porto, Portugal.

Platón- "Obras Completas". Editora Aguilar, Madrid, 1990.